

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS DO PONTAL
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Uso do teste da formalina para avaliação do potencial antinociceptivo do óleo essencial de capim limão (*Cymbopogon citratus*) utilizando o peixe *Danio rerio*

Letícia Rodrigues Pinheiro

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Ciências Biológicas da
Universidade Federal de Uberlândia, para obtenção do grau
de Bacharel em Ciências Biológicas.

Ituiutaba - MG

Setembro – 2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS DO PONTAL
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

**Uso do teste da formalina para avaliação do potencial antinociceptivo do óleo essencial de capim
limão (*Cymbopogon citratus*) utilizando o peixe *Danio rerio***

Letícia Rodrigues Pinheiro

Discente

Carla Patrícia Bejo Wolkers

Orientadora

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Ciências Biológicas da
Universidade Federal de Uberlândia, para obtenção do grau
de Bacharel em Ciências Biológicas.

Ituiutaba - MG

Setembro – 2021

A minha mãe, aos meus tios e meu pai Paulo

César Pinheiro (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer à minha família, em especial a minha mãe Lídia, que sempre me incentivou a trilhar o caminho da educação, fornecendo todo o amparo necessário para minha formação.

Agradeço aos meus colegas de curso, especialmente os meus amigos Amanda, Calebe, Ingrid, Maria e Tauane, pelo apoio e companheirismo durante a graduação, me auxiliando em todos os momentos.

Gostaria de agradecer também ao grupo PET Bio Pontal, por todas as alegrias e dores compartilhadas, pela oportunidade de ampliar minhas experiências acadêmicas e ter o prazer de contribuir com a construção de um ensino superior de qualidade e para todos.

Por fim agradeço à minha orientadora Prof^a Dra. Carla Wolkers por toda a disposição e paciência, pela generosidade em compartilhar todo o conhecimento sempre me impulsionando para fazer o melhor trabalho. Admiro-a profundamente!

RESUMO

A dor é caracterizada como uma experiência sensorial e emocional desagradável associada a um dano ou lesão tecidual, sendo detectada por meio dos receptores especializados denominados nociceptores. A analgesia é o processo em que há a inibição da transmissão da informação nociceptiva, sendo mediada por sistemas endógenos e alcançada por substâncias exógenas, como os fármacos. A necessidade de se buscar novos compostos farmacológicos que auxiliam no tratamento da dor compõe um amplo campo de estudo, sendo assim, o presente trabalho objetivou testar um modelo biológico utilizando o peixe *D. rerio* para avaliação do potencial antinociceptivo de substâncias extraídas de plantas. Utilizou-se 24 peixes que foram filmados por 5 min (linha de base), tratados com veículo (Controle, n=8), óleo essencial de *C. citratus* (200 mg/kg, n=8) ou dipirona (100 mg/kg, n=8), os animais foram submetidos ao teste nociceptivo da formalina após 30 minutos e novamente filmados por 5 min (pós-estímulo), para avaliação comportamental. Foi observado diminuição da atividade locomotora em resposta à formalina, sendo este efeito bloqueado pelo tratamento com dipirona. O óleo essencial (OE) não apresentou efeitos significativos sobre a nocicepção, sendo necessários estudos complementares para a determinação de seu potencial analgésico.

Palavras-chave: Antinocicepção; Dor; Nocicepção; zebrafish.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. OBJETIVOS.....	10
3. METODOLOGIA	11
4. RESULTADOS.....	13
5. DISCUSSÃO	17
6. CONCLUSÃO	20
7. REFERÊNCIAS	21

1. INTRODUÇÃO

De acordo com a Associação Internacional para o Estudo da Dor (IASP) pode-se caracterizar dor como “uma experiência sensorial e emocional desagradável associada a dano tecidual real ou potencial, ou descrita em termos de tal dano.” A dor pode ser descrita, portanto, como uma experiência sensorial complexa, que envolve atividades encefálicas, incluindo a cognição e afetividade, sendo considerada uma característica que favorece a sobrevivência, alertando possíveis danos letais ao organismo (MENESCAL-DE-OLIVEIRA, 2008).

A percepção da dor inicia-se com a detecção de estímulos nocivos, sendo eles térmicos, químicos ou mecânicos intensos, por meio de nociceptores, que promovem a transdução e condução destes estímulos para o sistema nervoso central (SNC). A condução pode ser rápida ou lenta, sendo determinada pelo tipo de fibra envolvida neste processo (A δ ou C). Inicialmente a informação nociceptiva é conduzida ao tálamo, principalmente aos núcleos lateral e medial, a partir dos quais é enviada ao córtex somatossensorial onde ocorre a interpretação das informações e conseqüentemente a percepção consciente do estímulo nocivo como dor. A percepção da dor auxilia na sobrevivência do indivíduo e, em determinadas situações, para que não ocorra prejuízo na execução de comportamentos importantes para sua sobrevivência, os mecanismos endógenos de analgesia podem ser ativados.

A analgesia ocorre pela inibição de informações envolvidas na transmissão da nocicepção, por meio da liberação de substâncias como os opióides endógenos, por exemplo (OSTERWEIS et al., 1987; BASBAUM; JESSELL, 2000; PURVES et al., 2010). Esta analgesia também pode ser alcançada por meio do uso de fármacos. O primeiro analgésico utilizado pelo homem foi o ópio, uma substância extraída da semente de uma planta, a papoula (*Papaver somniferum*), a partir do qual, mais tarde, foi isolada a morfina, um dos analgésicos mais amplamente utilizados até os dias atuais para o tratamento de dores graves, sendo uma prática incorporada ao longo de muitos anos devido sua capacidade de alívio imediato para dores intensas em curto prazo. No entanto, a eficácia desta substância para o tratamento de dores crônicas a longo prazo se mantém incerta, bem como os riscos e efeitos colaterais que podem ocasionar aos indivíduos que fazem seu uso de forma indiscriminada, podendo causar níveis acentuados de tolerância, dependência e outras neuroadaptações, comprometendo a eficácia e a segurança desta substância (IASP, 2019; BALLANTYNE; MAO, 2003; RAFFA, 2001).

Neste contexto, a definição de novas moléculas com potencial analgésico e menores efeitos colaterais é essencial para a criação de novos fármacos eficientes no tratamento da dor. A utilização de compostos extraídos de plantas vem se fazendo presente desde a antiguidade de

forma empírica, por comunidades tradicionais. Esta terapêutica, denominada fitoterapia, utiliza os medicamentos cujos constituintes ativos são plantas ou derivados vegetais, e que tem a sua origem no conhecimento e no uso popular (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2012), sendo sua incorporação incentivada nos cuidados primários do Sistema Único de Saúde (SUS) (BRASIL, 2016). O Brasil apresenta grande potencial medicinal, especialmente devido à sua imensa biodiversidade vegetal. Entretanto, apesar de se ter uma farmacopeia diversa, a escassez de estudos nesta área impede que espécies nativas que possuem valor medicinal sejam incorporadas na fitoterapia (MENDONÇA et al., 1998; TAUFNER et al., 2006), sendo essencial a definição de novos modelos biológicos que permitam o estudo destes compostos de maneira detalhada.

A espécie *Cymbopogon citratus*, popularmente conhecida como capim-santo, capim-limão, e capim-cidreira, de acordo com o Formulário de Fitoterápicos Farmacopeia Brasileira (BRASIL, 2011), é amplamente utilizada por suas propriedades antiespasmódicas, ansiolíticas e sedativas. Estudos farmacológicos também apontam potencial antioxidante (CHEEL et al., 2005), antitumoral (KAUDERER et al., 1991), antimicrobiano (BASSOLÉ et al., 2011; DANLAMI et al., 2011), antifúngico (SILVA et al., 2008), antidiarreico (TANGPU; YADAV, 2006), hipotensivo (MANIÇOBA, 2013), hipoglicêmico, hipolipidêmico (ADENEYE; AGBAJE, 2007), anticonvulsivante (BLANCO et al., 2009), além de um efeito antinociceptivo (LORENZETTI et al., 1991; MOTA et al., 2020). Entretanto, o conjunto de evidências disponíveis na literatura sobre os efeitos do *C.citratus* ainda são escassos, especialmente no que concerne seu potencial antinociceptivo, tornando as preparações extraídas desta planta, um potencial objeto de estudo com vistas à sua aplicação fitoterápica efetiva como um analgésico.

Estudos farmacológicos são, geralmente, realizados utilizando-se modelos biológicos mamíferos, especialmente os roedores, devido à sua proximidade genética e fisiológica com o organismo humano. Entretanto, o uso destes modelos, além de economicamente dispendioso, exige estruturas de manutenção de grandes dimensões o que acarreta ainda mais custos ao seu uso. Neste contexto, a busca por novos modelos biológicos que possam ser adequadamente aplicados à estudos farmacológicos é essencial.

O peixe *Danio rerio* pertencente à família Cyprinidae, é um teleosteo que apresenta alto grau de homologia genética com o homem (aproximadamente 70%), além de apresentar forma de reprodução muito facilitada, com a postura de ovos a cada 2 ou 3 dias, baixo custo em relação à aquisição e manutenção, rápida absorção pelo SNC das drogas que são adicionadas à água ou injetadas intraperitonealmente, favorecendo desta maneira o avanço das pesquisas nestas áreas de interesse (GEBAUER, 2010). Sendo assim, a padronização de um modelo biológico para o estudo da nocicepção e antinocicepção utilizando o *D. rerio* é essencial para o avanço desta área

da ciência.

2. OBJETIVOS

2.1. OBJETIVO GERAL

O presente estudo objetivou avaliar um modelo experimental para o estudo de plantas medicinais com potencial analgésico, utilizando o *zebrafish* (*Danio rerio*) como modelo biológico.

2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Os objetivos específicos deste estudo foram:

- ✓ Avaliar a resposta comportamental do *D. rerio* ao teste da formalina;
- ✓ Analisar o efeito do pré-tratamento com dipirona nas respostas comportamentais do *D. rerio* ao teste da formalina;
- ✓ Analisar o efeito do pré-tratamento com óleo essencial (OE) de *C. citratus* nas respostas comportamentais do *D. rerio* ao teste da formalina.

3. METODOLOGIA

Animais

Foram utilizados 24 juvenis de *D. rerio*, de ambos os sexos, obtidos a partir de criadores de peixes ornamentais. Antes do início dos experimentos os peixes foram mantidos em aquários de 10 L por 3 semanas, para adaptação às condições laboratoriais. Os animais foram submetidos a um ciclo claro/escuro de 12/12 h (dia subjetivo) e com temperatura de 27 °C, mantido com climatização ambiente. A iluminação foi promovida por sistema composto por temporizador e lâmpada fluorescente 20 W de intensidade luminosa 1200 lx. O oxigênio dissolvido, através de sistema aerador, foi mantido em ~ 8 mg/L e o pH da água na faixa de 6,5 a 8. O oxigênio dissolvido e pH foram mensurados diariamente por meio de oxímetro e pHmetro, respectivamente. Os níveis de amônia, nitritos e nitratos foram mensurados diariamente e mantidos abaixo de 0,002 mg/L e 0,5 ppm, respectivamente. A limpeza dos tanques e alimentação foram realizadas diariamente utilizando ração comercial contendo 28% de proteína bruta (PB) e 3.100 kcal de energia digestível (ED) por quilo.

Coleta da planta e extração do óleo essencial

Para realizar a extração do óleo essencial da planta *C. citratus* optou-se pela técnica de extração de destilação por arraste à vapor. As amostras foram coletadas de matrizes existentes no CT-Infra I da Universidade Federal de Uberlândia - *Campus* Pontal. Inicialmente foi realizado o processo de secagem, deixando a amostra em ambiente seco e escuro por aproximadamente 24 horas. Com o auxílio de uma tesoura, a amostra foi cortada em pedaços menores, a fim de facilitar a pesagem e aumentar a superfície de contato com o balão volumétrico no processo de fervura. Após, pesou-se 30g da amostra e o conteúdo foi adicionado em um balão volumétrico de 1000 mL, e adicionou-se água. Por fim, o balão foi colocado no destilador tipo *clevenger*. Para a retirada do óleo, quando atingida a temperatura necessária, utilizou-se um tubo de ensaio e uma pipeta descartável. Ao término, a quantidade de óleo extraído foi armazenada em um freezer (-20°C) até a realização dos experimentos para manter suas características químicas.

Procedimento experimental

Os peixes foram distribuídos individualmente em aquários de 10L, onde permaneceram por três dias para adaptação às condições experimentais. Após este período os peixes foram filmados por 5 minutos (linha de base), tratados com injeção intraperitoneal de veículo (0,01% (v/v) *polyoxyethylene sorbitan monooleate* (Tween 80[®], Sigma–Aldrich) – Controle, n=8), óleo

essencial de *C. citratus* (OE: 200 mg/kg, n=8) (VIANA et al., 2000) ou dipirona (DP: 100 mg/kg, n=8), e, após trinta minutos, foram submetidos ao teste nociceptivo, recebendo injeção subcutânea de 10 µl de formaldeído 3% na base da nadadeira dorsal utilizando-se uma microseringa de 10 µl (Hamilton[®]) e retornaram ao aquário, sendo avaliados por 5 minutos (pós-estímulo).

O estudo do comportamento dos animais foi realizado por meio do *software* de monitoramento e quantificação comportamental *EthoVision XT 7.1*, sendo avaliadas a distância percorrida, velocidade de natação e tempo gasto no estrato superior do aquário. As análises de dados foram feitas comparando-se Linha de Base (LB) e Pós- Estímulo (PE) dentro de cada tratamento e o delta ($\Delta=PE-LB$) foi utilizado para comparação dos efeitos dos tratamentos.

Análise dos dados

A distância percorrida, velocidade e tempo de permanência no estrato superior do aquário foram submetidos ao teste t ($P<0,05$) para comparação entre a linha de base e pós-estímulo dentro de cada tratamento. Para comparar as alterações comportamentais entre os tratamentos, os dados de delta ($\Delta=PE-LB$) foram submetidos à análise de variância *One-way ANOVA* ($P<0,05$).

Nota ética

O trabalho seguiu as recomendações éticas do Conselho Nacional de Controle de Experimentação Animal (CONCEA) tendo sido avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética na Utilização de Animais da Universidade Federal de Uberlândia (Protocolo n 035/2019).

4. RESULTADOS

Foi observado que a injeção de formaldeído 3% promoveu redução na locomoção dos peixes, sendo observada redução na distância percorrida e na velocidade de natação ($t=2,908$; $GL=12$; $P=0,013$), sem alteração na posição de natação no aquário ($t=2,908$; $GL=12$; $P=0,013$). Nos peixes submetidos à injeção intraperitoneal de dipirona, não foi observada diferença na distância percorrida, na velocidade de natação ($t=0,145$; $GL=12$; $P=0,887$) e na posição de natação no aquário ($t=0,680$; $GR=12$; $P=0,510$). No tratamento com injeção intraperitoneal de OE foi observada redução na locomoção (distância percorrida e velocidade: $t=6,265$; $GL=12$; $P<0,001$), sem alteração na posição de natação no aquário ($t=0,592$; $GL=12$; $P=0,565$) (Figuras 1, 2 e 3).

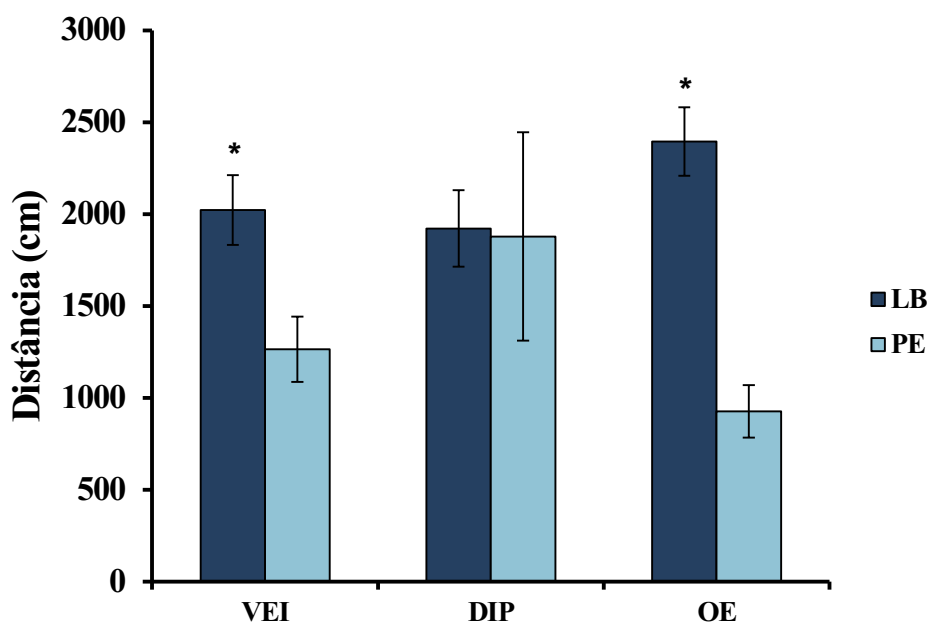


Figura 1. Distância percorrida (cm) por *D. rerio* submetidos à injeção subcutânea de formaldeído à 3% após tratamento com injeção intraperitoneal de veículo (VEI), dipirona (DIP) e óleo essencial de *C. citratus* (OE). LB: linha de base; PE: pós estímulo. * indica diferença significativa entre LB e PE dentro do mesmo tratamento. **FONTE:** os autores.

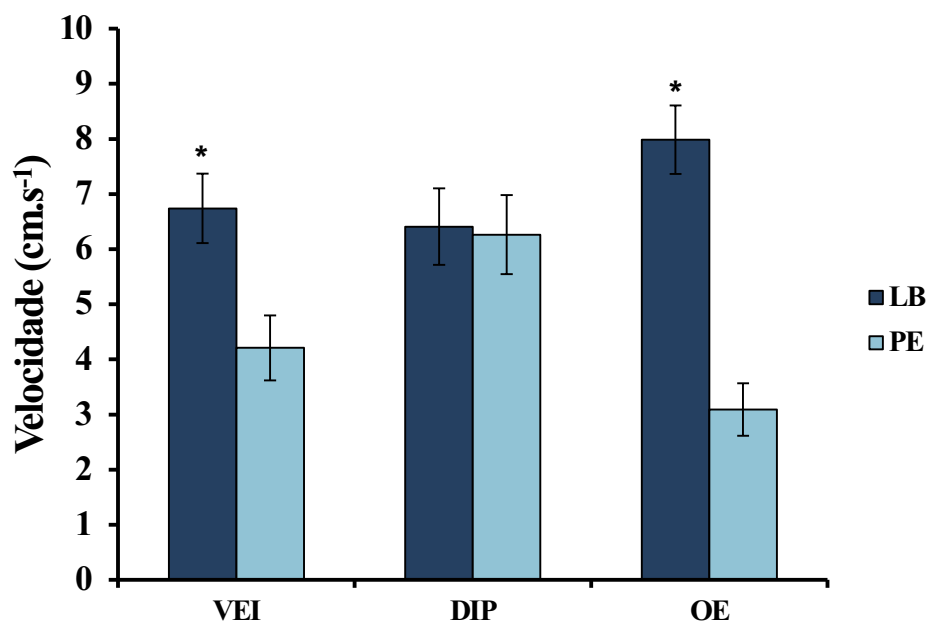


Figura 2. Velocidade (cm.s⁻¹) por *D. rerio* submetidos à injeção subcutânea de formaldeído à 3% após tratamento com injeção intraperitoneal de veículo (VEI), dipirona (DIP) e óleo essencial de *C. citratus* (OE). LB: linha de base; PE: pós estímulo. * indica diferença significativa entre LB e PE dentro do mesmo tratamento. **FONTE:** os autores.

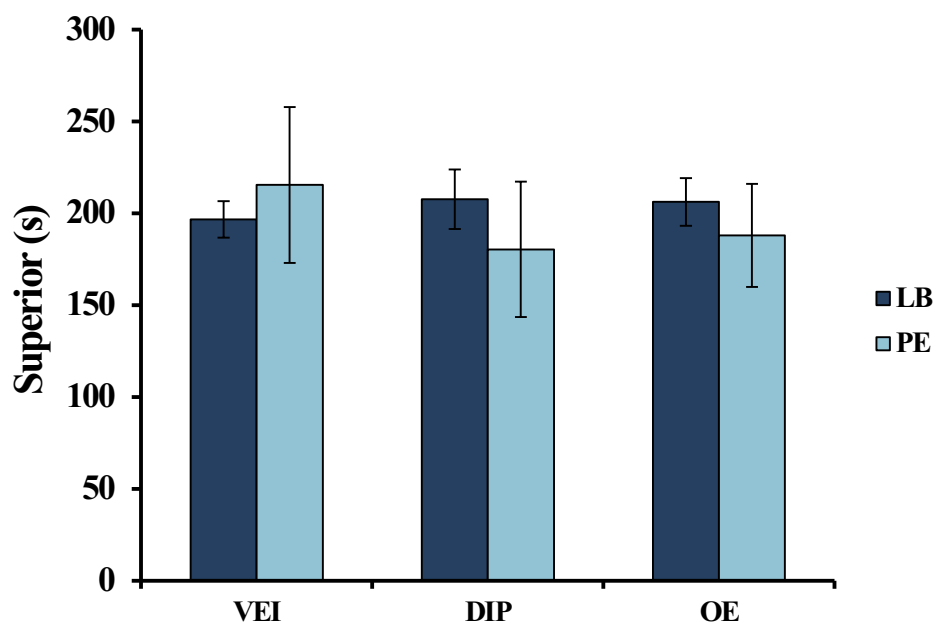


Figura 3. Permanência no estrato superior do aquário (s) por *D. rerio* submetidos à injeção subcutânea de formaldeído à 3% após tratamento com injeção intraperitoneal de veículo (VEI), dipirona (DIP) e óleo essencial de *C. citratus* (OE). LB: linha de base; PE: pós estímulo. * indica diferença significativa entre LB e PE dentro do mesmo tratamento. **FONTE:** os autores.

O tratamento com dipirona bloqueou a diminuição da atividade locomotora promovida pela injeção subcutânea de formaldeído 3%, enquanto o tratamento com OE promoveu uma redução ainda maior na locomoção ($F_{20,18}=17,077$; $P<0,001$). A permanência no estrato superior do aquário não foi influenciada pelo tratamento ($F_{20,18}=0,394$; $P=0,680$) (Figura 4, 5 e 6).

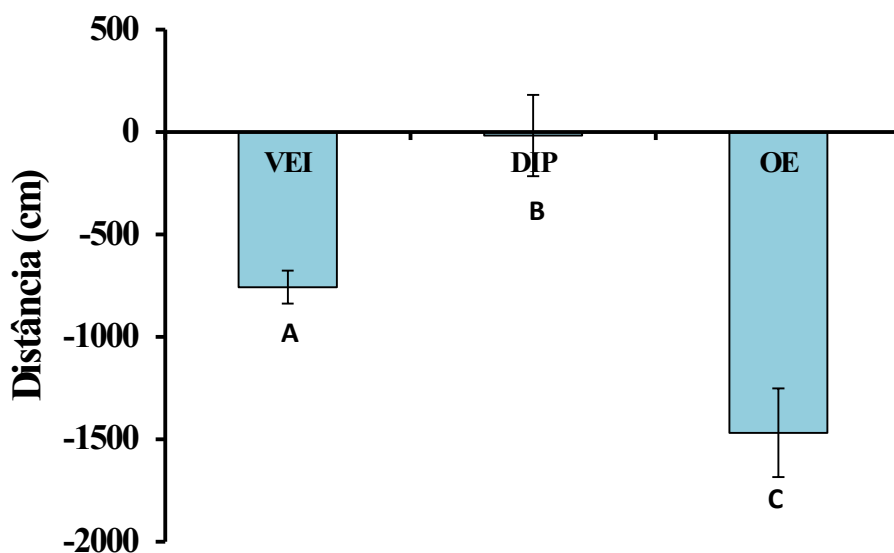


Figura 4. Delta ($\Delta=PE-LB$) da distância percorrida (cm) por *D. rerio* submetidos à injeção subcutânea de formaldeído à 3% após tratamento com injeção intraperitoneal de veículo (VEI), dipirona (DIP) e óleo essencial de *C. citratus* (OE). LB: linha de base; PE: pós estímulo. Letras diferentes indicam diferença significativa entre tratamentos. **FONTE:** os autores.

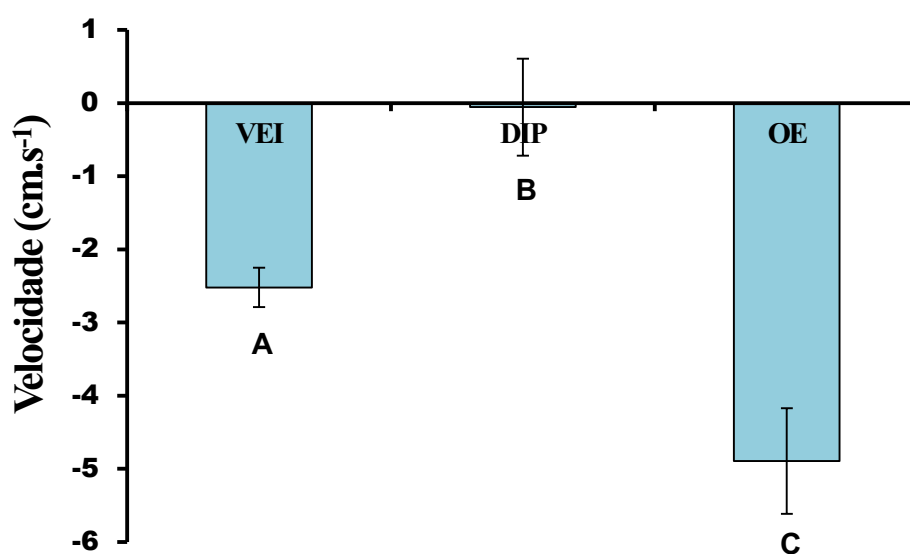


Figura 5. Delta ($\Delta=PE-LB$) da velocidade (cm.s⁻¹) por *D. rerio* submetidos à injeção subcutânea de formaldeído à 3% após tratamento com injeção intraperitoneal de veículo (VEI), dipirona (DIP) e óleo essencial de *C. citratus* (OE). LB: linha de base; PE: pós estímulo. Letras diferentes indicam diferença significativa entre tratamentos. **FONTE:** os autores.

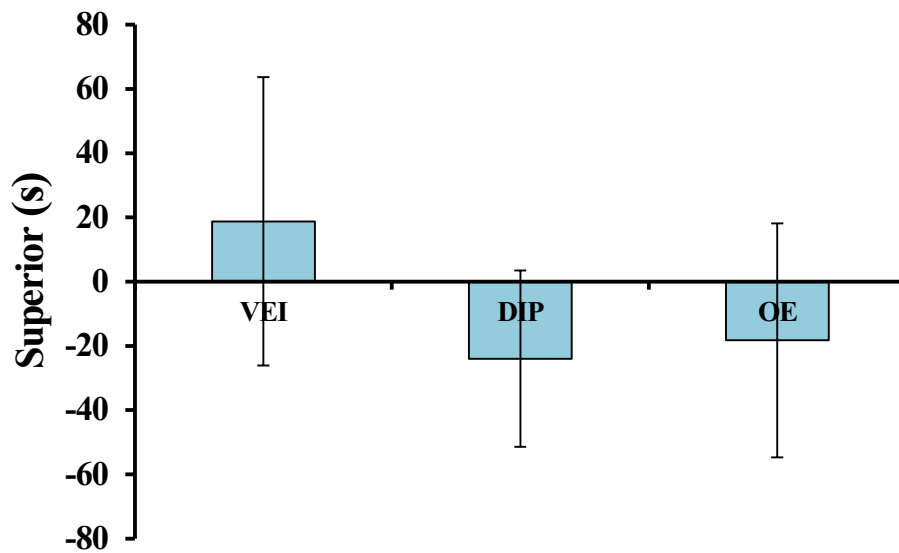


Figura 6. Delta ($\Delta=PE-LB$) da permanência no estrato superior do aquário (s) por *D. rerio* submetidos à injeção subcutânea de formaldeído à 3% após tratamento com injeção intraperitoneal de veículo (VEI), dipirona (DIP) e óleo essencial de *C. citratus* (OE). LB: linha de base; PE: pós estímulo. Letras diferentes indicam diferença significativa entre tratamentos. **FONTE:** os autores.

5. DISCUSSÃO

Os resultados obtidos no presente estudo demonstram que o *D. rerio* apresentou redução da atividade locomotora quando submetido ao teste nociceptivo da formalina, sendo esta redução bloqueada pelo tratamento prévio com dipirona, sem efeitos significativos do tratamento com óleo essencial de *C. citratus*, indicando que o teste da formalina pode ser aplicado para a avaliação de substâncias antinociceptivas em peixes.

O teste da formalina foi utilizado para avaliação comportamental do peixe frente a um estímulo nocivo químico e os efeitos de substâncias potencialmente analgésicas sobre seu comportamento. O teste da formalina, como um teste nociceptivo, foi desenvolvido em mamíferos (DUBUISSON; DENNIS, 1977), e se caracteriza, neste animais, pela administração de injeção subcutânea de formalina nas patas dianteiras e traseiras do animal, sendo observadas duas fases de resposta comportamental, uma fase inicial aguda, causada pela dor neurogênica (primeira fase), seguida de um período mais prolongado causado pela dor inflamatória (segunda fase), caracterizadas por atividade comportamental aumentada, que pode durar até cerca de uma hora. Este teste tem a vantagem de permitir a avaliação da resposta do animal à dor moderada e contínua gerada por dano tecidual, possibilitando o teste de analgésicos com diferentes mecanismos de ação (HUNSKAAR; HOLE, 1987; TJØLSEN et al., 1992; RANDOLPH; PETERS, 1997; SILVA et al., 2013).

Em peixes, o teste da formalina foi adaptado (ALVES et al., 2013), sendo a aplicação subcutânea realizada na base da nadadeira do animal, ou nos lábios, e permite avaliar alterações comportamentais como indicadores fisiológicos da nocicepção. Em piauí, a aplicação da formalina induz o intenso aumento de atividade locomotora, com um padrão de natação errático que se inicia após a administração da substância, além do aumento na frequência ventilatória (ALVES et al., 2013; WOLKERS et al., 2013). Entretanto, as respostas comportamentais e fisiológicas de peixes à estímulos nocivos parecem ser espécie-específicas (SNEDDON, 2003).

O presente estudo demonstrou uma redução da atividade locomotora após a aplicação da injeção de formaldeído a 3%. Outro estudo utilizando o *D. rerio* também demonstrou que a injeção intramuscular de solução de formaldeído (3 e 5 μ L à 0,1%) na cauda ou lábios promoveu uma resposta comportamental caracterizada pela redução da atividade locomotora, tanto na fase neurogênica (0-5min) quanto na fase inflamatória (15-30 min) da resposta à formalina (MAGALHÃES et al., 2017). Este resultado corrobora o observado no presente estudo, sugerindo que a resposta desta espécie à injeção de formalina, independente do local de aplicação, se caracteriza pela redução significativa da atividade locomotora que pode ser observada utilizando-se diferentes métodos de análise comportamental e diferentes linhas do

tempo, com avaliação apenas do estágio neurogênico, como realizado no presente estudo, ou, ainda, do estágio inflamatório como realizado por Magalhães et al. (2017). Além disso, a utilização de outras substâncias químicas como agente nocivo em *D. rerio*, como o ácido acético, também promovem a diminuição da atividade locomotora, sendo que a administração de ácido acético à 0,5; 1,0; 2,5 ou 5,0% (10µL) (CORREIA et al., 2011; COSTA et al., 2019) na linha média entre as nadadeiras pélvicas promovem redução significativa na locomoção.

O estímulo doloroso pode ser visto como um aspecto fisiológico de proteção, porém quando este estímulo se torna clínico, é de suma importância a intervenção farmacológica visando a manutenção da saúde e qualidade de vida do acometido. Diversas abordagens terapêuticas farmacológicas são utilizadas para o tratamento da dor incluindo o uso de analgésicos como a dipirona, o acetaminofeno (paracetamol), os anti-inflamatórios não-esteroidais (AINEs) e os opioides (DOS SANTOS, 2018). No presente estudo, a dipirona foi utilizada como controle positivo para a avaliação dos efeitos do OE de *C. citratus* sobre a alteração comportamental desencadeada pela formalina. Os resultados demonstram que a dipirona (100 mg/kg) foi capaz de reverter os efeitos da formalina sobre o comportamento dos peixes, indicando um efeito antinociceptivo. A dipirona é um anti-inflamatório não-estereoidal, com mecanismo de ação provavelmente periférico, bloqueando a dor inflamatória por meio da inibição de prostaglandinas e inibindo a liberação de fatores nociceptivos no local da lesão (TATSUO et al., 1994; ALVES; DUARTE, 2002). Há, ainda, evidências de ação central deste medicamento ocasionando assim inibição da transmissão do impulso na medula espinhal (LORENZETTI; FERREIRA, 1996).

A avaliação do potencial antinociceptivo do *C. citratus* no presente estudo não demonstrou efeitos significativos, considerando o protocolo de administração em única dose (agudo) e a dosagem utilizada. Embora não tenham sido encontrados estudos avaliando o efeito desta substância sobre a nocicepção em peixes, o OE de *C. citratus* parece apresentar efeitos centrais, havendo evidências de que a substância possa promover inibição mediada pelo sistema GABAérgico (HACKE et al., 2020; 2021). Além disso, efeitos do *C. citratus* como imunoestimulante (AL-SAGHEER et al., 2018), antihelmíntico (GONZALES et al., 2020), ansiolítico (HACKE et al., 2020) e anticonvulsante (HACKE et al., 2021) foram demonstrados, sugerindo que peixes são sensíveis a esta substância. Sendo assim, a ausência de efeitos do OE de *C. citratus* no presente estudo pode se dever à dosagem utilizada e ao protocolo de administração aguda. Outros estudos que observaram efeitos centrais do OE de *C. citratus* em *D. rerio* (HACKE et al., 2020; 2021), embora também tenham realizado tratamentos agudos, utilizaram a imersão como via de administração, não sendo possível traçar um paralelo entre as concentrações utilizadas nestes estudos e a utilizada no presente estudo, que empregou a

administração intraperitoneal, com dosagem baseada em estudos com mamíferos (VIANA et al., 2000).

Em modelos mamíferos, há evidências dos efeitos do OE de *C. citratus* na indução de antinocicepção. Estudo realizado em camundongos submetidos ao teste de contorções induzidas por ácido acético e ao teste de formalina demonstrou efeitos antinociceptivos do OE de *C. citratus*. No teste de contorção induzida por ácido acético a 0,6% os animais foram tratados com OE (5 e 10 mg / kg) e observou-se a diminuição significativa das contorções. Já no teste da formalina, demonstrou-se que a aplicação de OE (a partir da dosagem de 50 mg/ kg) foi efetiva na indução de antinocicepção na segunda fase da resposta à formalina (1%), indicando um possível efeito anti-inflamatório, já que esta fase é conhecida como fase inflamatória do teste da formalina (VIANA et al., 2000). Em estudo realizado com ratos, utilizando a infusão (extrato) de *C. citratus* (68,24 mg/ Kg e 136,48 mg Kg - administração via oral) também foi observada a diminuição significativa das contorções induzidas por ácido acético, sendo que os flavonóides e os taninos parecem contribuir para esta atividade analgésica periférica (GARCIA et al., 2015).

Embora os estudos supracitados sugiram um efeito antinociceptivo do *C. citratus* este efeito não é consistente na literatura científica. De fato, no estudo realizado por Morón Rodríguez et al. (1996), houve a ausência de ação antinociceptiva da administração do extrato fluído de *C. citratus* à 30%, por via oral, corroborando os resultados encontrados no presente estudo. As diferenças nos resultados encontrados podem ser resultado da dosagem, via de administração, preparação da planta utilizada e sua composição fitoquímica. No presente estudo a composição fitoquímica não foi analisada, não sendo possível avaliar as concentrações de compostos potencialmente analgésicos como o citral, o mirceno, os compostos polifenóis, os flavonóides e os taninos no OE utilizado, que poderiam contribuir para uma a atividade antinociceptiva, de acordo com estudos prévios (LORENZETTI et al., 1991; GARCIA et al., 2015; MOTA et al., 2020).

6. CONCLUSÃO

Em conclusão, a aplicação do teste da formalina em *D. rerio* mostra-se uma alternativa interessante e eficiente para o estudo de substâncias com potencial analgésico em substituição à outros modelos biológicos, em especial ao uso de roedores.

A possibilidade do uso da dipirona como o controle positivo eficiente favorece a análise de dados, permitindo a avaliação destas substâncias com base em um analgésico já conhecido, com eficácia comprovada mediante inúmeros estudos e amplamente utilizado, possibilitando desta forma, validar o modelo biológico escolhido.

Para a avaliação eficiente de substâncias extraídas de plantas é necessária a realização de ensaios com diferentes dosagens, preparações e tempos de tratamento que permitam a demonstração de seus potenciais efeitos analgésicos, podendo torna-lás uma opção ao uso de fármacos industrializados e alopáticos.

7. REFERÊNCIAS

- ADENEYE, A. A.; AGBAJE, E. O. Hypoglycemic and hypolipidemic effects of fresh leaf aqueous extract of *Cymbopogon citratus* Stapf. in rats. **Journal of ethnopharmacology**, v. 112, n. 3, p. 440-444, 2007.
- AL-SAGHEER, A. A. et al. Supplementation of diets for *Oreochromis niloticus* with essential oil extracts from lemongrass (*Cymbopogon citratus*) and geranium (*Pelargonium graveolens*) and effects on growth, intestinal microbiota, antioxidant and immune activities. **Aquaculture nutrition**, v. 24, n. 3, p. 1006-1014, 2018.
- ALVES, D. P.; DUARTE, I. DG. Involvement of ATP-sensitive K⁺ channels in the peripheral antinociceptive effect induced by dipyrone. **European journal of pharmacology**, v. 444, n. 1-2, p. 47-52, 2002.
- ALVES, F. L.; JÚNIOR, A. B.; HOFFMANN, A. Antinociception in piauçu fish induced by exposure to the conspecific alarm substance. **Physiology & behavior**, v. 110, p. 58-62, 2013.
- BALLANTYNE, J. C.; MAO, J. Opioid Therapy for Chronic Pain. **New England Journal of Medicine**, v. 349, n. 20, p. 1943-1953, 2003.
- BASBAUM, A.I.; JESSELL, T. **The Perception of Pain**. In: KANDEL, E. R.; SCHWARTZ, J. H. Principles of Neural Science. Elsevier: New York, 2000.
- BASSOLÉ, I. H. N. et al. Chemical composition and antimicrobial activity of *Cymbopogon citratus* and *Cymbopogon giganteus* essential oils alone and in combination. **Phytomedicine**, v. 18, n. 12, p. 1070-1074, 2011.
- BLANCO, M. M. et al. Neurobehavioral effect of essential oil of *Cymbopogon citratus* in mice. **Phytomedicine**, v. 16, n. 2-3, p. 265-270, 2009.
- BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. 2011. *Formulário de fitoterápicos da Farmacopéia Brasileira*. Brasília: Anvisa, 2011. 126p. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/farmacopeia/formulario-fitoterapico/arquivos/8080json-file-1>. Acesso em 29 de maio de 2021.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. Política e Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos / Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento de Assistência Farmacêutica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2016. 190 p.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Práticas integrativas e complementares: plantas medicinais e fitoterapia na Atenção Básica/Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2012.
- CHEEL, J. et al. Free radical scavengers and antioxidants from Lemongrass (*Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf.). **Journal of agricultural and food chemistry**, v. 53, n. 7, p. 2511-2517, 2005.
- CORREIA, A. D. et al. A novel behavioral fish model of nociception for testing

analgesics. **Pharmaceuticals**, v. 4, n. 4, p. 665-680, 2011.

COSTA, F. V. et al. Understanding nociception-related phenotypes in adult zebrafish: Behavioral and pharmacological characterization using a new acetic acid model. **Behavioural brain research**, v. 359, p. 570-578, 2019.

DANLAMI, U. et al. Comparative study on the antimicrobial activities of the ethanolic extracts of lemon grass and *Polyalthia longifolia*. **Journal of Applied Pharmaceutical Science**, v. 1, n. 9, p. 174, 2011.

DOS SANTOS, G. G. Mecanismo de ação analgésica da dipirona: envolvimento dos receptores canabinóides CB1 e CB2 no tecido periférico = Mechanism of the analgesic action of dipyrone: involvement of CB1 and CB2 cannabinoid receptors in the peripheral tissue. 2018. 1 recurso online (71 p.). Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Biologia, Campinas, SP.

DUBUISSON, D.; DENNIS, S. G. The formalin test: a quantitative study of the analgesic effects of morphine, meperidine, and brain stem stimulation in rats and cats. **Pain**, v. 4, p. 161-174, 1977.

GARCIA, R. et al. Evaluation of anti-inflammatory and analgesic activities of *Cymbopogon citratus* in vivo-polyphenols contribution. **Research Journal of Medicinal Plant**, v. 9, n. 1, p. 1-13, 2015.

GEBAUER, D. L. P. Avaliação de padrões comportamentais induzidos por ansiolíticos em zebrafish (*danio rerio*). 2010.

GONZALES, A. P. P. F. et al. Anthelmintic efficacy of *Cymbopogon citratus* essential oil (Poaceae) against monogenean parasites of *Colossoma macropomum* (Serrasalmidae), and blood and histopathological effects. **Aquaculture**, v. 528, p. 735500, 2020.

HACKE, A. C. M. et al. Anxiolytic properties of *Cymbopogon citratus* (DC.) stapf extract, essential oil and its constituents in zebrafish (*Danio rerio*). **Journal of Ethnopharmacology**, v. 260, p. 113036, 2020.

HACKE, A. C. M. et al. *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf, citral and geraniol exhibit anticonvulsant and neuroprotective effects in pentylenetetrazole-induced seizures in zebrafish. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 275, p. 114-142, 2021.

HUNSKAAR, S.; HOLE, K. The formalin test in mice: dissociation between inflammatory and non-inflammatory pain. **Pain**, v. 30, n. 1, p. 103-114, 1987.

IASP (International Association for the Study of Pain). IASP Statement on Opioids. Disponível em: <https://www.iasp-pain.org/Advocacy/Content.aspx?ItemNumber=7194>. Acesso em: 30 jun. 2019.

KAUDERER, B.; ZAMITH, H.; PAUMGARTTEN, F. J., SPEIT, G. Evaluation of the mutagenicity of beta-myrcene in mammalian cells in vitro. **Environ Mol Mutagen**, v. 18, n. 1, p. 28-34, 1991.

LORENZETTI, B. B. et al. Myrcene mimics the peripheral analgesic activity of lemongrass tea. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 34, n. 1, p. 43-48, 1991.

- LORENZETTI, B. B.; FERREIRA, S. H. Activation of the arginine-nitric oxide pathway in primary sensory neurons contributes to dipyron-induced spinal and peripheral analgesia. **Inflammation Research**, v. 45, n. 6, p. 308-311, 1996.
- MAGALHÃES, F. E. A. et al. Adult zebrafish (*Danio rerio*): an alternative behavioral model of formalin-induced nociception. **Zebrafish**, v. 14, n. 5, p. 422-429, 2017.
- MANIÇOBA, H. S. N. A. Efeito do óleo essencial de *Cymbopogon citratus* (capim-santo) sobre a pressão arterial e frequência cardíaca de ratos normotensos. Aracaju, SE, 2013. TCC (Graduação em Medicina) - Departamento de Medicina, Aracaju, 2013.
- MENDONÇA, R. et al. **Flora vascular do cerrado**. In: SANO, S. M.; ALMEIDA, S. P. (ed.). *Cerrado: ambiente e flora*. Planaltina: Embrapa, 1998. P. 287-556.
- MENESCAL-DE-OLIVEIRA, L. As dores, In: LENT, R. (eds.) **Neurociência da Mente e do Comportamento**. Guanabara Koogan S. A. 183-201, 2008.
- MORÓN RODRÍGUEZ, F; FURONES MOURELLE, J. A; PINEDO GUTIÉRREZ, Z. Ausencia de efectos antiinflamatorio y analgésico del extracto fluido de *Cymbopogon citratus* al 30% por vía oral. **Revista Cubana de Plantas Medicinales**, v. 1, n. 2, p. 3-6, 1996.
- MOTA, C. M. D et al. Citral-induced analgesia is associated with increased spinal serotonin, reduced spinal nociceptive signaling, and reduced systemic oxidative stress in arthritis. **Journal of ethnopharmacology**, v. 250, p. 112486, 2020.
- OSTERWEIS, M.; KLEINMAN, A.; MECHANIC, D. Illness Behavior and the Experience of Pain. In: **Pain and Disability: Clinical, Behavioral, and Public Policy Perspectives**. National Academies Press (US), 1987.
- PURVES, D. et al. **Neurociências**. 4. ed. Artmed Editora, 2010.
- RAFFA, R. B. Pharmacology of oral combination analgesics: rational therapy for pain. **Journal of clinical pharmacy and therapeutics**, v. 26, n. 4, p. 257-264, 2001.
- RANDOLPH, B. C; PETERS, M. A. Analgesic effectiveness of ketorolac compared to meperidine in the rat formalin test. *Anesth Prog.* 44(1): 11 – 16, 1997.
- SILVA, J. C. et al. Modelos experimentais para avaliação da atividade antinociceptiva de produtos naturais: uma revisão. **Brazilian Journal of Pharmacy**, v. 94, p. 18-23, 2013.
- SILVA, C. D. B. D. et al. Antifungal activity of the lemongrass oil and citral against *Candida* spp. **Brazilian Journal of Infectious Diseases**, v. 12, n. 1, p. 63-66, 2008.
- SNEDDON, L. U. The evidence for pain in fish: the use of morphine as an analgesic. **Applied Animal Behaviour Science**, v. 83, n. 2, p. 153-162, 2003.
- TANGPU, V.; YADAV, A. K. Antidiarrhoeal activity of *Cymbopogon citratus* and its main constituent, citral. **Pharmacologyonline**, v. 2, p. 290-298, 2006.
- TATSUO, M. A. K. F. et al. Analgesic and antiinflammatory effects of dipyron in rat adjuvant arthritis model. **Inflammation**, v. 18, n. 4, p. 399-405, 1994.

TAUFNER, C. F.; FERRAÇO, E. B.; RIBEIRO, L. F. Uso de plantas medicinais como alternativa fitoterápica nas unidades de saúde pública de Santa Teresa e Marilândia, ES. 2006. *Natureza on line* 4(1): 30-39. [online] <http://www.naturezaonline.com.br>.

TJØLSEN, A. et al. The formalin test: an evaluation of the method. **Pain**, v. 51, n. 1, p. 5-17, 1992.

VIANA, G. S. B. et al. Antinociceptive effect of the essential oil from *Cymbopogon citratus* in mice. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 70, n. 3, p. 323-327, 2000.

WOLKERS, C.P.B. et al. Stress-induced antinociception in fish reversed by naloxone. **PloS one**, v. 8, n. 7, p. e71175, 2013.